



Agroecologia e conservação da agrobiodiversidade na comunidade Riacho do Meio, no município de Choró, Ceará

Agroecology and conservation of agrobiodiversity in the Riacho do Meio community, in the municipality of Choró, Ceará

OLIVEIRA, Gabriel Jucá Pereira¹; COELHO SILVA, Antonia Marília²; COSTA, Amanda Nayara de Melo³; PINHEIRO, Carlos Henrique Silva⁴; SANTANA, Matheus Felipe⁵; SGARBI SANTOS, Jaqueline⁶.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB);

¹jucagabriel@aluno.unilab.edu.br; ²mariliacoelho@aluno.unilab.edu.br;

³amanda.nayara@aluno.unilab.edu.br; ⁴henriquepinheiro@aluno.unilab.edu.br;;

⁵matt.santt.bjj@gmail.com; ⁶sgarbi.jaqueline@unilab.edu.br.

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: O presente relato trata da experiência da comunidade Riacho do Meio, município de Choró, região do Sertão Central cearense, em pleno semiárido nordestino. No local existe uma série de práticas que garantem a qualidade de vida das famílias envolvidas, com destaque para a exportação de algodão orgânico. O trabalho foi realizado a partir de observações e anotações de campo de uma visita técnica feita no contexto do curso de Agronomia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Conhecer as atividades desenvolvidas pelos agricultores da comunidade permitiu contato direto dos discentes com a Agroecologia no contexto do semiárido nordestino, o que demonstrou que as práticas utilizadas, tendo como base a Agroecologia, são capazes de garantir a reprodução social e econômica dos atores envolvidos no processo.

Palavras-Chave: ACEPA; agricultura participativa; agroecologia; agroindústria familiar; progresso sertanejo.

Keywords: ACEPA; participatory agriculture; agroecology; family agroindustry; progress sertanejo.

Contexto

Na comunidade Riacho do Meio, município de Choró, região do Sertão Central cearense, está situada a Associação Comunitária dos Agricultores (as) Familiares do Riacho do Meio. Uma região de produção orgânica certificada pela Associação de Certificação Participativa Agroecológica (ACEPA), que obtém sua maior e mais prestigiosa fonte de renda na exportação de algodão (*Gossypium L. sp.*) para a Europa e que tem fundamentado na agroecologia o seu modo de vida. O relato aqui apresentado trata de uma atividade desenvolvida em agosto de 2018, fundamentada no curso de Agronomia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). A visita a comunidade ocorreu na disciplina de Práticas Agrícolas, uma das disciplinas que compõe o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). O objetivo foi conhecer os sistemas de produção implantados, em especial a água de reuso, a cotonicultura orgânica, o beneficiamento de gergelim e o processo de conservação de sementes crioulas. O relato irá contribuir para o eixo na medida que



apresenta uma experiência levada a cabo no sertão cearense e que envolve, sobretudo, práticas de ensino, ancoradas na realidade local enraizando ainda mais a formação dos estudantes nos princípios da agroecologia e da sustentabilidade.

Descrição da Experiência

A visita ocorreu regada à espontaneidade e interatividade, tanto por parte dos estudantes quanto do senhor que os acompanhou. João Félix, um dos representantes da associação comunitária, logo mostrou-se disposto a conversar e sem demora lhes fez uma recepção com café da manhã para, em seguida, percorrermos a comunidade.

A propriedade do senhor João Félix conta com uma miniestação de tratamento de água para reuso, ou seja, água já utilizada para outros fins, como banho, lavagem de louças ou roupas. Essa água coletada é desengordurada e destinada para irrigação das plantações da propriedade, como banana (*Musa sp.*), mamão (*Carica sp.*) e palma forrageira (*Opúncia spp.*), além da umidificação de um minhocário, no qual são cultivadas minhocas californianas (*Eisenia fetida sp.*) destinadas à produção de húmus. O minhocário apresenta camadas com 40 centímetros (cm) de seixo, 30 cm de pedra brita, 30 cm de areia grossa e 30 cm de raspas de madeira, respectivamente. Em média, o minhocário produz 10 quilogramas de húmus por mês.

Outra área da comunidade, pertencente ao senhor Francisco das Chagas, produz em 2,5 hectares (ha) algodão (*Gossypium L. sp.*) consorciado com milho (*Zea mays sp.*), feijão (*Phaseolus vulgaris sp.*) e fava (*Vicia fava sp.*). A produção é feita de forma orgânica e as culturas de consórcio secundárias – milho, feijão e fava – são constituintes da base alimentar do consumo da família do seu Francisco.

A associação dos agricultores e agricultoras da comunidade Riacho do Meio é composta atualmente por 14 famílias, quase todas inseridas em uma rede de certificação participativa denominada de Associação de Certificação Participativa Agroecológica (ACEPA), juntamente com os municípios de Quixadá e Quixeramobim. Das famílias certificadas, apenas três não exportam o algodão para a França, por estarem em transição para o plantio orgânico e ainda não cumprirem todos os requisitos do exportador. É por meio dessas certificações em grupo e de parcerias com ONGs, a exemplo do ESPLAR Centro de Pesquisa e Assessoria (antigamente chamada de Escritório de Planejamento Rural) – pioneira na implementação de projetos locais junto aos agricultores – que ocorre um maior incentivo e desenvolvimento de projetos protagonizados pelos associados. Vale ressaltar que anteriormente a comunidade era certificada pela Associação de Certificação Instituto Biodinâmico (IBD), com certificação por auditagem. Com a possibilidade de exportação por meio da ACEPA, a comunidade aderiu inteiramente à participativa.

O projeto de trabalho iniciou-se em 2003, com a iniciativa da ESPLAR de trabalhar com a comunidade. Inicialmente experimentou-se várias práticas, como a criação de galinha caipira, quintal produtivo e meliponicultura, e somente depois foi colocado em prática o consórcio de algodão orgânico. É importante registrar, assim como foi orgulhosamente citado diversas vezes pelo senhor João Felix durante a visita, um



curso ministrado aos agricultores sobre relações de gêneros, que reafirmou a importância da igualdade de gênero no meio rural, deixando para trás o patriarcado e o machismo na comunidade.

Em conjunto, todos esses agricultores e agricultoras trabalham anualmente com uma meta, acordada por contrato, para produção de algodão, que é exportado para a empresa francesa Vert Shoes. Para o ano de 2018 a meta de entrega foi de 25 toneladas de algodão. Porém, diferente de um contrato convencional, se a meta não for atingida, as comunidades não serão prejudicadas, havendo a possibilidade de venda fracionada, ou seja, da quantidade colhida naquele período.

Quanto a dificuldades enfrentadas no plantio de algodão, o produtor relatou ataques do bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis*). O controle desses insetos é feito com o desbaste do botão floral do algodoeiro antes que haja infestação do animal; além do cultivo em consórcio, que também auxilia no manejo e controle de insetos na cultura do algodão.

A comunidade Riacho do Meio dispõe, também, de uma agroindústria familiar, criada e administrada por um grupo de jovens locais, onde é feito beneficiamento de gergelim (*Sesamum indicum* sp.), obtendo como produtos processados a paçoca, o óleo e a “cocada” de gergelim (doce regional feito de coco) – vistos na figura 1. Há também o processamento do mel de abelha.

Os produtos são comercializados na própria comunidade e em mercados e feiras municipais.



Figura 1. produtos derivados do processamento do gergelim. Fonte: OLIVEIRA, 2019.

Os cultivos na comunidade são, em sua maioria, feitos com sementes crioulas, garantindo aos agricultores a certeza do que estão cultivando, já que essas sementes são armazenadas em uma casa de sementes, criada em 2002, e conta com 14 variedades de feijão, 4 de milho e 4 de gergelim, além de diversas outras sementes, como sabiá, amendoim e arroz; ilustradas na figura 2.



Figura 2. Casa de sementes da associação local. Fonte: OLIVEIRA, 2019.

A casa tem uma política de controle de retirada das sementes. Para usufruir das sementes, os agricultores precisam fazer parte da comunidade e devem devolver, após a colheita, a quantidade de sementes que foi retirada da casa acrescida de 20%, para manter o crescimento do banco de sementes da comunidade. Somente são aceitas as sementes da comunidade, não permitindo a entrada de sementes desconhecidas.

Resultados

Por muitos anos, principalmente pós Segunda Guerra Mundial, a agricultura de grande escala e modernizada foi difundida como única forma de obtenção de alimento para grandes populações e capaz de assegurar economicamente os produtores, sem se preocupar com os danos que tais práticas causam ao meio ambiente à médio e longo prazo. Hoje já é possível enxergar tais danos e os povos estão condenados a viver com eles. Associações como a abordada neste relato mostram que é possível alimentar as pessoas e ter fomentação na economia local – e até nacional, graças às exportações de produtos derivados – com uma agricultura de base agroecológica, respeitando as pessoas que trabalham no campo, as pessoas que consomem o que vem do campo e o ambiente em que se estão inseridos.

A comunidade Riacho do Meio é um exemplo do sucesso de um sistema agroecológico bem estruturado em todos os âmbitos, tanto no cultivo em conformidade com o meio ambiente, como também a inclusão da juventude na economia local – evitando assim o êxodo rural – e a igualdade de gênero no campo.

Agradecimentos

Fica registrado nossos agradecimentos ao senhor João Félix, por nos doar um pouco do seu tempo e abrir as portas da sua casa para nos receber, além de nos permitir uma experiência tão rica de um sistema comunitário agroecológico de sucesso. Agradecemos também à profa. Dra. Jaqueline Sgarbi Santos e a profa. Dra. Fernanda Schneider, que nos acompanhou nessa visita e nos orientou na produção desse relato de experiência.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.